



Experiência estética no Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pró-Mata – PUCRS.

Rita Paradedda Muhle¹
Isabel Cristina de Moura Carvalho²

Resumo: A excessiva racionalização do pensamento moderno deixou de lado as emoções e os sentimentos que nos permitiam uma sensibilidade para nossa formação ética. A estética nos permitiria uma percepção por inteiro, seria algo que afetaria a sensibilidade, nos desestabilizando e permitindo mudanças de pensamentos e postura. A experiência estética vivida no Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pró-Mata – PUCRS é proporcionada pela beleza cênica de sua paisagem conservada. Durante o desenvolvimento do projeto, entre 2012 e 2013, foram acompanhados nove grupos que o frequentaram. A educação científica presente nas atividades do CPCN Pró-Mata e nos objetivos dos grupos não foi excludente da experiência estética vivida no local pelos participantes. A questão da estética apareceu mesmo com a força do contrato pedagógico e agregou novos significados às experiências vividas.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Experiência Estética; Ética Ambiental.

Aesthetic experience in the Center for Research and Conservation of Nature Pró-Mata – PUCRS.

Abstract: Excessive rationalization of modern thought put aside the emotions and feelings that allowed us a sensitivity to our ethics training. The aesthetics allow us insight as a whole, would be something that would affect the sensitivity in destabilizing and allowing change of thought and attitude. The aesthetic experience lived in the Center for Research and Conservation of Nature Pro-Mata - PUCRS is provided by the scenic beauty of its landscape preserved. During the development of the project, between 2012 and 2013, were followed nine groups who attended the site. The science education in CPCN Pro-Mata activities and goals of the groups was not exclusive of aesthetic experience lived on site by the participants. The question of aesthetics appeared even with the strength of the learning agreement and added new meanings to experiences.

Keywords: Environmental Education; Aesthetic Experience; Environmental Ethics.

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/Escola de Humanidades/ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. E-mail: rpbio@hotmail.com

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação/Escola de Humanidades/ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. E-mail: isabel.carvalho@puers.br

Introdução

O artigo a seguir foi elaborado a partir da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada “Percepção ambiental dos usuários do Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pró-Mata – PUCRS”, realizada entre os anos de 2012 e 2013. Discute, a relação da Experiência Estética com uma possível construção de uma ética ambiental pelos interlocutores que foram acompanhados durante a pesquisa referida.

O trabalho dialoga com conceitos que visam propor uma crítica às pretensões de uma verdade universal e única e sustentam a legitimidade dos múltiplos saberes. Os autores que com que o trabalho dialoga buscaram, de formas distintas, romper com dicotomias forjadas ao longo da consolidação da ciência moderna, tais como natureza e cultura, sujeito e objeto, corpo e mente, e sujeito e sociedade. Outras superações das heranças deixadas pelo racionalismo e sua pretensão de universalidade também são propostas por estes autores ao reivindicarem o resgate de crenças, saberes tradicionais, rituais, espiritualidade e arte, como dimensões legítimas de um novo modo de fazer ciência baseado em racionalidades plurais. Os conceitos e as abordagens propostas por estes autores convergem para uma nova região do debate teórico-filosófico contemporâneo, o que Carvalho e Steil chamam de *epistemologias ecológicas*.

Estes novos modos de ver e compreender o mundo, assumindo referências ecológicas, permitem compreender as relações com o ambiente vistas de um outro ponto, não mais com afastamentos ou externalidades, mas como partes integrantes de um mesmo cosmos independente da representação e da ação humana.

A natureza como Outro

O pensamento moderno, baseado no princípio da objetividade, calcou sua filosofia na idéia de que aquilo que era diferente, contrário, distinto ou inverso do *eu*, era categorizado como *o outro*, *o estranho*. Esta dualidade entre identidade e alteridade, ipseidade e diversidade, unidade e pluralidade só reforçou as dificuldades enfrentadas para o reconhecimento do outro. A intenção do ocidente de querer categorizar e conceitualizar tudo de uma maneira abrangente e única não deu chance para a afirmação do diferente. O princípio da *não-contradição* deste tipo de pensamento consiste na ideia de que não é possível “não ser” o padrão e este não ser é definido como o diferente.

Com este pensamento podemos enxergar a dicotomia que se formou entre a natureza e o homem. Durante os processos da história da humanidade no que diz respeito à questão ambiental, podemos identificar o que Hermann chama de “desvalorização da própria natureza, como o outro que foi violado”. O próprio processo de colonização exemplifica bem a idéia do meio ambiente como sendo o outro, o estranho. O idealismo dos colonizadores, com seus olhos treinados para enxergar algo idêntico ao seu *eu*, aniquilaram as diferentes culturas integrantes dos ambientes que descobriram devido a essa dificuldade em lidar com o estranho. No decorrer dos processos históricos do homem e sua relação com o meio ambiente, a natureza ainda seguiu sendo vista como estranho e pelo fato do homem, enquanto *eu*, não conseguir reconhecer seu valor, vivenciamos hoje uma crise ambiental alicerçada na dicotomia homem-natureza.

É importante destacar aqui que a experiência da natureza produziu sentidos diferentes nos diversos períodos da história social. No início da modernidade ocidental ela era vista como uma fonte de recursos para expansão dos impérios e suprimentos para as guerras. Posteriormente (séculos XVI e XVII), preocupações com a manutenção destes recursos surgiram, mas ainda não era levado em conta o valor intrínseco da natureza. Nos séculos XVIII e XIX ela é idealizada como o paraíso perdido, um éden que deveria estar protegido, recebendo a denominação de *wilderness*³. Esta expressão reforçou a separação entre dois mundos, um mundo selvagem, natural e o mundo dos homens. Aquele mundo seria o que deve ser protegido e esse mundo é onde o ser humano poderia continuar sua exploração. Apesar de um olhar diferenciado do homem neste momento pela proteção ambiental, este olhar ainda é baseado na fixidez do ser que ao olhar para fora de si enxerga no outro apenas o quer, ou não quer. A visão antropocêntrica permanece, pois o *eu* (homem) ainda se utiliza do *outro* (natureza) para sua satisfação.

Atualmente esta dicotomia permanece extremamente forte, como se homem e natureza não fizessem mais parte do mesmo cosmos, do mesmo espaço. Abram utiliza-se do conceito de “carne” de Merleau-Ponty para tentar romper essa separação: o sujeito aqui se apresenta como uma das expressões da “carne do mundo” que consiste no mundo sensível, englobando a tudo que nele reside, sendo humanos e não-humanos, todos possuem essa mesma essência. Ao pensar o homem enquanto eu, e a natureza enquanto o

³ Expressão que remete a mundo selvagem, natural (THOMAS, 2010; CARVALHO, 2009; DIEGUES, 1994). O filósofo Callicot (1991), critica a utilização da expressão *wilderness* na medida em que esta marca a separação entre a humanidade e a natureza. Ele também avalia este conceito como etnocêntrico e por vezes racista, já que não leva em consideração as sabedorias das ditas populações tradicionais que foram expulsas de suas terras para a chamada preservação baseada no mito moderno da natureza intocada. O homem urbano precisava garantir um lugar puro para visitar quando quizesse refazer suas energias.

outro, como figuras independentes que não se apresentam uma para outra, podemos entender os problemas ambientais e as injustiças sociais que nos cercam. Se eu não compreendo que habito um ambiente único onde sou, ao mesmo tempo apenas mais uma espécie e ao mesmo tempo protagonista por ser responsável pelas minhas escolhas, não posso esperar que a natureza compreenda minhas necessidades. Nosso estilo de vida atual, baseado em uma sociedade consumista e individualista, não nos permite compreender sequer um outro ser humano, quanto mais nos colocarmos dentro da natureza que vem sendo explorada de maneira descontrolada.

Na perspectiva de Hegel, a questão ética desta relação do sujeito com o outro se baseia numa consciência de si que depende da luta pelo reconhecimento social. Ele afirma, “a consciência-de-si é *em-si* e *para-si* quando e porque é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido”. O autor nesta citação se refere à relação entre dois homens, mas como aqui estamos tentando romper essa exclusão da natureza, vamos assumir aqui o homem diante da natureza. Ou seja, natureza e o homem necessitam um do outro para serem reconhecidos. Segundo Hermann, “o movimento dessas duas consciências é um agir de duplo sentido, não é só um ‘agir sobre si mesmo’ e ‘sobre o Outro’, mas é o ‘agir tanto de um quanto de Outro’”.

A crítica a esta interpretação da importância do outro para Hegel se dá quando ele aponta o outro como um mero antagonismo frente à afirmação do eu, “o eu é o conteúdo da relação e a relação mesma; defronta um Outro e ao mesmo tempo o ultrapassa; e este Outro, para ele, é apenas ele próprio”. Segundo Hermann,

em grande parte, o problema concentra-se na estrutura dialética, pela qual a existência do outro estaria relacionada apenas com o movimento da consciência para reconhecer a si mesma, o que resultaria num processo de aniquilamento do outro ou, pelo menos, de assimilação do outro a partir de nossos esquemas conceituais (HERMANN, 2011, p. 40).

Sendo o homem o sujeito que reconhece a si mesmo, apenas perpassando e aniquilando o outro, do que adiantaria a suposta interação com o meio ambiente, se sua assimilação não mudaria, nem suas concepções?

As relações de simetria apenas entre seres humanos, fizeram parte dos pensamentos de diversos autores, evidenciando o que hoje em dia pode ser apontado como um dos limites do pensamento humanista. A concepção do ser humano como único capaz de conceber e viver o-no mundo pode ser identificada também em Heidegger quando ele afirma que apenas os seres humanos estariam abertos ao mundo: “a pedra é sem mundo, o

animal é pobre em mundo e o ser humano é formador de mundos”⁴ (HEIDEGGER, 2003, p. 205). Esta premissa presente nesta corrente filosófica ajudou a reforçar a dicotomia homem-natureza, *eu-Outro*, uma vez que pregava o predomínio antropocêntrico nas relações com o mundo.

Na ferraz obstinação de romper com os invólucros gerados pelas dicotomias citadas acima, autores como Ingold e Merleau-Ponty se contrapõem a esse pensamento e defendem o alargamento do horizonte apenas humano para também o não humano, incluindo nas relações o Outro, sendo ele animal, pedra, natureza. Este deslocamento para uma simetria ampliada seria o caminho para um pensamento pós-humanista.

A experiência do outro só será verdadeira no momento em que nos livramos das categorizações e permitimos que o outro nos penetre, admitindo que *eu* também sou *o outro*, somos compostos da mesma “carne”. A concepção do outro por Gadamer abre um novo caminho para a construção dessa relação ao se centrar no diálogo com o outro, com o estranho para expandir horizontes sem apropriações.

Quando o ser humano conseguir estruturar e realizar este diálogo com o meio ambiente, reconhecendo seu valor intrínseco (e não somente financeiro!), conseguiremos romper com nossas concepções atuais baseadas naquilo que nos é imposto e já nem questionamos mais. Para Hermann (2011, p. 143), “o estranho, ao nos tirar do habitual e daquilo que estamos familiarizados, cria as condições para quebrar a unidade inquestionável que nos é dada pelo pertencimento a uma tradição (familiaridade)”.

Segundo Gadamer, o diálogo só pode existir pela existência do outro, e ao se expor ao outro, ser por ele interrogado. Esta situação pode causar um estranhamento, pois é uma relação baseada na lógica da pergunta e resposta, e as novas perguntas do outro podem levar o eu a rever suas posições. O outro pode nos surpreender e, assim, somos provocados a sair de nossos enclausuramentos, mesmo que não saibamos para onde vamos (HERMANN, 2011).

Diferentemente da concepção proposta por Hegel, que se utiliza do outro para afirmar a si mesmo, a filosofia de Gadamer propõe um movimento de saída de si mesmo, se utilizando da força transformadora do diálogo: “pensar com o outro e voltar sobre si mesmo como outro” (GADAMER, 1993 *apud* HERMANN, 2011, p. 144).

⁴ Longe de querermos reduzir o pensamento de um autor com contribuições filosóficas tão importantes a respeito do conhecimento e existência humana como Heidegger, a citação utilizada serve para expressar como a tradição metafísica concebia os diferentes modos com que os entes poderiam estar ligados ao mundo.

Nossa relação com o meio ambiente assumiu uma dicotomia baseada na incapacidade do ser humano de se relacionar com o diferente, que foi sendo sistematicamente excluído ou não percebido pelos nossos esquemas interpretativos. Mesmo ao tentar perceber a natureza como um sujeito que possuía valor por si mesmo, a mistificamos, tornando-a sagrada e intocável e a relação de diálogo, da troca transformadora do *eu* com *o outro* não se tornou possível.

O poder transformador da Experiência Estética para uma sensibilização ambiental

A excessiva racionalização do pensamento moderno deixou de lado as emoções e os sentimentos que nos permitiam uma sensibilidade para nossa formação ética. A estética⁵ nos permitiria uma percepção por inteiro, seria algo que afeta a sensibilidade, nos desestabilizando e permitindo mudanças de pensamentos e postura. A relação ético-estética em que esta pesquisa baseou-se ancora-se na estética enquanto *belo-sensível*. As palavras de Schiller demonstram a possibilidade de a beleza ser uma linguagem capaz de unificar seus interlocutores:

Todas as outras formas de comunicação dilaceram a sociedade, pois relacionam-se exclusivamente com a receptividade e a habilidade privadas de seus membros isolados, e, portanto, com o que distingue os homens; somente a bela comunicação unifica a sociedade, pois refere-se ao que é comum a todos. As alegrias dos sentidos gozamos apenas como indivíduos, sem que delas participe a espécie que nos habita. Não podemos, portanto, generalizar nosso prazer sensível, como não podemos generalizar nosso indivíduo. Os prazeres do conhecimento gozamos apenas enquanto espécie, justamente ao afastarmos cuidadosamente de nosso juízo qualquer traço de nossa individualidade. Não podemos, portanto, generalizar nosso prazer racional, pois não é possível excluir o rastro individual do juízo dos outros como podemos fazê-lo em nosso próprio. Somente a beleza gozamos a um tempo como indivíduo e como espécie, isto é, como representantes da espécie. [...] É apanágio da beleza fazer feliz a todo mundo; os seres, enquanto sujeitos à magia dela, esquecem todos a sua limitação (SCHILLER, 1963, p. 133).

Nesse contexto podemos compreender Gadamer (2008) quando se refere ao impulso ético que a experiência⁶ estética ocasiona. A força da arte é capaz de romper e

⁵ Segundo Hermann (2005, p. 33), “o termo estético é derivado do grego *aisthesis*, *aistheton* (sensação, sensível) e significa sensação, sensibilidade, percepção pelos sentidos ou conhecimento sensível-sensorial”.

⁶ Segundo Hermann (2010, p. 115): “Para a hermenêutica filosófica, a experiência é distinta da experiência científica. Neste caso, a ciência a submete a um procedimento rigorosamente metódico, sendo objetivada até que desapareça qualquer momento histórico. Seu princípio de validade é a reprodutibilidade, ou seja, uma experiência só é válida quando se confirma, o que, segundo Gadamer, faz com que a própria essência da experiência cancele em si mesma sua história [...]. Em oposição ao conhecimento puramente verificável e conceitual, Gadamer propõe um conceito histórico e dialético de experiência”. Chauí (2002, p. 161) afirma

desafiar nossas expectativas e nos lançar a novos sentidos. Segundo Hermann (2010, p. 54), “disso decorre um sentido ético, pois a experiência estética, ao revelar as limitações de nossas expectativas culturais, abre o horizonte interpretativo para o diferente, o que nos põe diante de outro modo de compreensão moral”.

Ao apreciar paisagens naturais, vivenciamos uma experiência estética. O potencial da experiência estética, na medida em que sensibiliza seu observador, já não o deixa sair do local da mesma maneira em que chegou, pois se pudermos relacionar a apreciação da natureza como a apreciação de uma obra de arte, podemos compreender o que afirma Hermann (2010, p. 50), “ela não é um mero objeto para a apreciação sensível, mas alarga nosso horizonte interpretativo e nossa autocompreensão, pelo que nos interpela”. Cabe aqui ressaltar que a experiência estética não está necessariamente relacionada ao belo, as inúmeras questões ambientais de destruição, exploração e inversão de valores também podem causar sentimentos que modificarão o sentido ético de quem é tocado por ela. O importante, sendo o belo ou o feio é a capacidade deste movimento da experiência estética nos proporcionar uma sensibilização moral. Assim afirma Flickinger:

A obra de arte é um convite insistente que nos deixamos sugar para dentro do espaço de um mundo novo, alheio. É o choque entre o nosso mundo da vida e a promessa desse novo mundo possível, o que nos leva à experiência de uma profunda irritação, irritação que nos impele a um posicionamento também novo, a um modo de abrir-nos, procurando lugar dentro do novo espaço. Isso se dá através da descoberta e do desmascaramento de nossos próprios hábitos, interesses e paixões, orientadores da postura anterior (FLICKINGER, 2000, p. 33).

Uma paisagem espetacular da vista de montanhas cobertas por sua vegetação nativa, golfinhos nadando livremente ao lado de embarcações, alfazemas florescendo nos campos, avistar no seu ambiente natural um animal raro, um pôr-do-sol. Estas situações nos proporcionam momentos de sensibilização pelo *outro* enquanto natureza, já que passamos a questionar a prepotência e arrogância humana. A experiência da vida proporcionaria uma constante revisão de nossos conceitos e pré-conceitos, refinando aquilo que Aristóteles chamou de *phronesis*⁷, nossa deliberação prudente. Com esse refinamento

que “a experiência já não pode ser o que era para o empirismo, isto é, passividade receptiva e resposta a estímulos sensoriais externos, mosaico de sensações que se associam mecanicamente para formar percepções, imagens e ideias; nem pode ser o que era para o intelectualismo, isto é, atividade de inspeção intelectual no mundo. Percebida, doravante, como nosso modo de ser e de existir no mundo, a experiência será aquilo que ela sempre foi: iniciação aos mistérios do mundo”.

⁷ *Phronesis* é um conceito retomado da ética aristotélica que se utiliza do diálogo e da abertura para o outro. É um saber que está em constante revisão de suas decisões éticas, pois se baseia em algo que foi compreendido, em equilíbrio entre o particular e o universal que se renova.

poderíamos assumir uma postura ética sensibilizada com as questões ambientais e toda a esfera social que as envolvem. Segundo Hermann,

em tais deliberações [perguntar-se permanentemente pela legitimidade de seus fins], atua também aquilo que a experiência estética desvela, pois momentos estéticos estão sempre presentes em qualquer tipo de juízo como condição indispensável para que o outro, a alteridade diante de nós, faça um confronto com nossos preconceitos, valores e conosco mesmo (HERMANN, 2010, p. 50).

Ao alcançar essa sensibilização moral, o indivíduo pode passar a assumir posturas diferentes daquelas que tinha com questões ambientais. A adoção de comportamentos pró-ambientais que antes não faziam parte do cotidiano do indivíduo podem se incorporar na consciência transformada do *eu*. O conceito de *habitus* de Bourdieu⁸ (1996) é aqui acionado para pensar o *habitus ecológico* (CARVALHO & STEIL, 2009). Este *habitus ecológico* assume a perspectiva da corporeidade, onde não mais há uma dicotomia mente-corpo, indivíduo-sociedade, prática-estrutura, mas sim a experiência humana no corpo que articula sujeito e objeto. Enquanto processo educativo, na medida em que este *habitus* é corporificado, as questões ecológicas passam a constituir o sujeito. A natureza assume um lugar diferente daquele do afastamento, como se ela fosse um objeto fora do sujeito, para ganhar outro lugar, imersa na experiência do sujeito humano (CARVALHO & STEIL, 2009).

Podemos identificar estas preocupações contemporâneas com a integridade e preservação dos bens ambientais como um processo de *ambientalização*⁹. Carvalho e Toniol (2010), explicam este conceito como um, “[...] processo de internalização nas práticas sociais e nas orientações individuais de valores éticos, estéticos e morais em torno do cuidado com o meio ambiente”.

Segundo Marin (2009), a experiência estética pode resultar, dentro da educação ambiental, em uma reflexão a respeito das perdas de contato com a concretude nos grandes centros urbanos e também a perda de contato com a natureza e o local habitado, em função da disseminação das hiper-realidades e proliferação dos não-lugares¹⁰, que dessensibilizam cada vez mais o ser humano.

⁸ Para Bourdieu *habitus* é um sistema de disposições duradoras e transponíveis que funcionam como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser adaptadas a seus objetivos em circunstâncias sem supor o ponto de vista consciente, objetivamente regulados e regulares, sem ser o produto de obediência de regras, não se limitando só àquilo que reproduz, indo além.

⁹ Os autores Leite Lopes (2004, 2006), Jean e John Camaroff (2001) também utilizam este conceito.

¹⁰ A autora refere-se a *hiper-realidades* como construções virtuais para uma ideia de *sonho dourado* contrastando com a dureza do mundo real, estratégia usada muitas vezes pelos meios de comunicação. Daí decorreria um distanciamento da realidade que é convertida em cenários virtuais responsáveis pelo

Ainda segundo esta autora, a experiência estética pode promover o enfrentamento de grandes desafios da contemporaneidade:

Transpor a extrema racionalização imposta ao ser humano pela cultura ocidental, que o condiciona ao conhecimento fragmentado e ao enrijecimento da poética e do imaginário; despertar a ética gerada nas vivências concretas de abertura ao mundo e à alteridade, para superar o individualismo e os discursos reducionistas ancorados na moralidade condicionante (MARIN, 2009, p. 63).

A experiência estética ao tocar o sujeito em suas questões éticas e morais o faz assumir uma diferente postura em relação aos seus antigos conceitos. Esta autonomia adquirida pode libertá-lo de um estilo de vida vazio e solitário em um mundo que está em pedaços, pedaços de diferentes culturas que não são aceitas, pedaços dos que são excluídos socialmente, pedaços de uma natureza quase morta. A ambientalização do indivíduo, dentro da esfera ambiental, pode gerar o que diz Veyne:

[...] O *eu* se tornando a si próprio como obra a realizar poderia sustentar uma moral que nem a tradição nem a razão conseguem mais sustentar: artista de si próprio, o eu gozaria desta autonomia indispensável a modernidade. [...] Enfim se o *eu* nos liberta da ideia que entre a moral e a sociedade [...] existe um elo analítico ou necessário, então não há mais necessidade de esperar a Revolução para começar a nos atualizar: o *eu* é a nova possibilidade estratégica (*apud* HERMANN, 2005, p. 90).

Os motivos e as causas das problemáticas ambientais e a importância de um estilo de vida mais sustentável, todos nós já sabemos. O que isto implica em termos de postura diante do mundo é a capacidade de perceber nossas relações de engajamento com o ambiente (natural ou não). Para uma educação ambiental que visa ser eficaz um olhar primordial sobre o mundo, a imersão do pensamento no mundo vivido e a aceitação do irrefletido devem ser considerados.

A percepção do ser no-mundo

O presente trabalho utilizou-se do conceito de percepção ancorado em autores de orientação fenomenológica de áreas como psicologia ambiental e a filosofia. A ideia é romper com uma perspectiva onde a percepção é mediada por representações sociais e assimilação dos sentidos. Para esta pesquisa, o conceito de percepção foi embasado no

distanciamento da natureza e que reforcem a noção de um mundo humano como construção exclusiva da ciência e da tecnologia. *Não-lugares* seriam espaços sem relações históricas e relacionais, como por exemplo os shopping centers (MARIN, 2009).

contexto da experiência direta com o mundo vivido, numa tentativa de não mais recair em dualidades como mente e corpo, indivíduo e sociedade, cultura e natureza, mente e objeto.

No campo da Psicologia Ambiental, é importante ressaltar como esta área de estudo da Psicologia foi influenciada por outras áreas para entender como surge, neste contexto, a percepção ambiental. A Arquitetura e o Planejamento Urbano interessavam-se pela ação dos espaços edificados sobre o comportamento urbano, aproximando a relação dos arquitetos e da Psicologia para fundamentar seus trabalhos. Por outro lado, a Geografia também veio a influenciar esta área, pois alguns autores deste segmento consideravam central o papel dos fatores socioculturais na conformação do comportamento espacial humano e que isto poderia definir a morfologia do território. A influência das preocupações sobre os “problemas ambientais” pelas ciências naturais também foi determinante dentro da Psicologia para o surgimento da Psicologia Ambiental.¹¹ Assim, além das dimensões espacial e temporal, a percepção ambiental somava-se a esta área como um “fenômeno psicossocial, em que processos cognitivos e afetivos estão implicados na representação do ambiente, tanto na esfera individual como na coletiva” (PINHEIRO, 1997, p. 384).

Não podemos deixar de apontar que nesta trajetória houve uma aproximação da Psicologia Ambiental com a Educação Ambiental. Os educadores foram procurados pelos ambientalistas, por estes acreditarem nas influências do ambiente sobre as pessoas e vice-versa, para que uma postura normativa de preservação da natureza fosse repassada aos humanos “causadores de danos ambientais”.

Dentro do campo da Psicologia, influenciadas pela Gestalt¹², correntes se articularam para estudar as interrelações das pessoas com seu ambiente físico. Dentro da Psicologia da Percepção, podemos destacar a teoria ecológica de Gibson com seu conceito de *affordance* que refere-se às possibilidades para ações que um objeto ou o ambiente fornece, possibilita, propicia para aquele que o percebe, podendo ser coisas, objetos, humanos e não-humanos; e a ideia que a percepção e o sujeito perceptivo formam com o ambiente uma totalidade. Para Gibson,

¹¹ Pinheiro (1997), cita em seu artigo, os autores destas áreas que influenciaram o surgimento da Psicologia Ambiental.

¹² Entre os anos de 1920 e 1930, iniciou-se a superação do enfoque mecanicista e de associações sensoriais dos estudos de percepção, com o surgimento da Teoria da Gestalt que “afirma que não se pode ter conhecimento do todo através das partes, e sim das partes através do todo e que só através da percepção da totalidade é que a razão pode decodificar e assimilar uma imagem ou um conceito” (MARIN, 2008, p. 208.). Esta teoria teve grande influência na Psicologia Ambiental e nos fundamentos da fenomenologia que abriu uma nova visão sobre os estudos da percepção.

as *affordances* do ambiente são o que ele oferece ao animal¹³, o que ele proporciona ou fornece, seja por bem ou por mal. O verbo *afford*¹⁴ pode ser encontrado no dicionário, mas o substantivo *affordance*, não. Eu o inventei. Com ele quero me referir tanto ao ambiente quanto ao animal de uma maneira que nenhum termo existente consegue. Ele implica na complementaridade do animal e do ambiente (GIBSON, 1987, p. 127).

A perspectiva de percepção de Gibson vai para além do percebido, assumindo a agência própria do ambiente. Nesta mesma linha, mas no campo da filosofia, a fenomenologia de Merleau-Ponty afirma que o mundo antecede o sujeito e a percepção não resulta da associação de sensações como prega a tradição experimental.

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não ‘habita’ apenas o ‘homem interior’, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6).

Segundo Carvalho e Steil (2012, p. 6), a posição assumida por Gibson e Merleau-Ponty da percepção, designam “uma epistemologia que vai na contramão das perspectivas semióticas onde o mundo se reduz ao que pode ser dito, nomeado e interpretado pela linguagem e o sujeito humano está suspenso sobre uma teia de símbolos por ele mesmo criada”.

Interessa-nos destacar que a relação da percepção estética entre o ser humano e o mundo, antes reduzido à recepção e processamento pelo intelecto das informações recebidas, agora baseia-se na superação do pensamento clássico de percepção, buscando a experiência do ser no-do mundo.

Este mundo onde as coisas, os materiais e os seres não humanos têm sua própria agência, independente dos humanos; onde a percepção está relacionada à experiência no e do mundo vivido, são à base do pensamento de Ingold frente às novas epistemologias ecológicas. Para Carvalho e Steil:

A dimensão ecológica no pensamento de Ingold possui um sentido muito mais profundo do que simplesmente a relação do ser humano com o ambiente, como se o primeiro pudesse se situar fora do mundo, como um ser autônomo e independente das forças da natureza. O lugar que ele atribui ao ser humano no ambiente-mundo é o de um ser imerso no fluxo

¹³ O autor fala em animal, em vez de usuário ou ser humano, de propósito, para destacar o fato de que nesta relação a eficácia da *affordance* não necessita de uma interpretação humana (GÜNTHER, 2011).

¹⁴ *Afford* significa, em sua tradução, produzir, fornecer, dar, causar, proporcionar, propiciar, oferecer.

dos materiais que constituem nossos corpos e nossas mentes, com os quais traçamos as linhas de nossa história natural e cultural sem descontinuidade (CARVALHO, STEIL, 2012, p. 10).

Já não interessa mais aos humanos e não humanos uma educação ambiental que visa ser eficaz trabalhar com um conceito de percepção baseado no uso dos sentidos no reconhecimento de um objeto e respostas a estímulos, como no caso da psicologia comportamentalista, ou o enfoque biofísico e comportamentalista de uma visão moderna. O olhar primordial sobre o mundo, a imersão do pensamento no mundo vivido e a aceitação do irrefletido devem ser considerados.

Para Corral-Verdugo (2005, p. 75), as influências que o ambiente exerce sobre o comportamento humano e vice-versa não podem ser estudadas separadamente e são importantes para uma compreensão da percepção ambiental:

Influência mútua significa que, a todo momento, o ambiente afeta o modo como percebemos, sentimos, e agimos a fatores contextuais físicos e/ou normativos, e que aquelas percepções, sentimentos e ações afetam os componentes sócio físicos do ambiente (CORRAL-VERDUGO, 2005, p. 75).

A percepção pode ser vista como um processo único e individual, já que depende do significado dos objetos e a interpretação dos fatos e das relações estabelecidas entre o indivíduo e o meio em que vive. Para Merleau-Ponty (1999) ela não está puramente vinculada à interpretação das cores e formas dos objetos, mas dependem dos signos interiores disponíveis conforme nossas experiências para atribuir certos sentidos/sentimentos a determinados objetos e paisagens.

O Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pró-Mata

Esta inquietação com os efeitos da experiência estética vivida no ambiente natural foi o que nos levou a tomar como campus empírico as atividades educativas desenvolvidas no Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pró-Mata.

Este Centro é uma área de conservação pertencente à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, localizada no Município de São Francisco de Paula (RS), cujo objetivo primordial de sua existência, desde 1996, é a conservação e pesquisa ambiental. Por ser um local de grande beleza cênica (Imagem 1) em seus mais de três mil hectares, a pesquisa partiu da premissa que sua frequência pode propiciar ao sujeito uma experiência estética capaz de o sensibilizar para um reposicionamento frente as questões

ambientais, a sua espiritualidade e ao próximo. Durante o desenvolvimento do projeto, entre os anos 2012 e 2013, foram acompanhados nove grupos de significativa representação que frequentaram o local, sendo eles turmas da Rede Básica de Ensino de São Francisco de Paula e Porto Alegre, turmas de Graduação e Pós-graduação, visitantes internacionais da Universidade e funcionários da PUCRS.

Imagem 1 – Área de grande beleza cênica.



Fonte: Muhle, Rita (2012).

Nem todos os grupos possuíam algum tipo de relação, profissional ou pessoal, com as questões ambientais, participaram das visitas ao Pró-Mata por diferentes motivos, mas se assemelhavam *pela vontade de aprender mais sobre o meio ambiente e poder estar em contato com a natureza*.

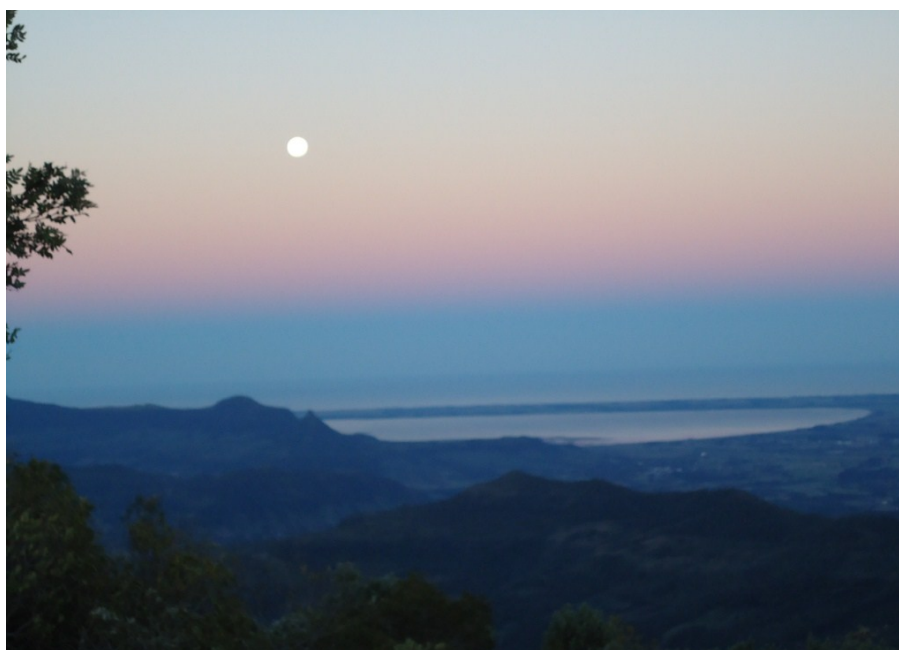
Os estudantes de Ciências Biológicas iam até o local para a imersão em atividades práticas das disciplinas, especialmente das áreas de botânica e zoologia, visando o aprimoramento profissional de um biólogo. A turma de Pós-Graduação acompanhada estudava Gestão Ambiental e se utilizava do local para criar projetos sustentáveis. As escolas, tanto às de Porto Alegre, quanto às de São Francisco de Paula, iam ao Pró-Mata para participarem de um projeto de educação ambiental. Em relação aos funcionários, a decisão de conhecer o local deu-se por ser um ambiente desconhecido e de longe alcance, pois até então, em suas concepções era um local reservado para pesquisadores. O Pró-Mata também foi palco de um curso técnico sobre Bioacústica e recebeu estudantes vindos de

todo o Brasil, bem como os ministrantes do curso que vieram dos Estados Unidos. A pesquisa também pode acompanhar um grupo vindo de Singapura que tinha interesses em compreender o envolvimento da PUCRS com projetos de sustentabilidade.

A metodologia da pesquisa envolvia a observação participante que se dava no acompanhamento dos grupos durante suas visitas ao Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pró-Mata. Antes de irem ao local os participantes respondiam um questionário onde eram captadas informações como dados de identificação, frequência de idas ao local e suas expectativas com a visita. Ao final respondiam outro questionários onde eram perguntados sobre quais emoções, pensamentos e reflexões aquela vivência tinha despertado neles e como descreveriam o significado da experiência.

Os resultados apontaram para a capacidade do cumprimento das propostas pedagógicas que as visitas se propunham: estudar, pesquisar, realização de cursos, conhecer projetos desenvolvidos lá. Entretanto, as narrativas que relataram os frequentadores também apontaram aquele ambiente como um ideal de perfeição moral, fonte de bem-estar (as sensações descritas foram paz, tranquilidade, silêncio e harmonia, entre outros, que pareciam contrastar com as vivências diárias no *mundo urbano*) e padrão estético-moral para comportamentos futuros dos interlocutores. Esta referência ética é justificada pela sensibilização gerada, de formas individuais e particulares, pela experiência estética vivenciada no local (Imagem 2).

Imagem 2 – Paisagem do Pró-Mata como obra de arte.



Fonte: Muhle, Rita (2012).

Depoimentos de integrantes da pesquisa expressavam a vontade de internalizar novos comportamentos ambientalmente orientados em seus cotidianos e como essa preocupação com a preservação ambiental havia sido despertada por essa experiência. Estes dados corroboram com as hipóteses de que a experiência estética proporcionada pela frequência do Pró-Mata pode sensibilizar seu usuário para a criação de um *habitus ecológico*. O mesmo pode ser afirmado para a hipótese de que esta experiência coloca a natureza como divindade para seu espectador e é capaz de despertar nele uma *espiritualidade do self*¹⁵, uma vez que várias narrativas faziam referência a uma ideia de um deus presente ali. Esta relação ecológico-religiosa parece não ser invalidada pelas propostas racional-científicas do local.

Os resultados apontaram também para as diferentes relações do Pró-Mata com o grupo que o frequentava. O local apresentou-se como um lugar propiciador de múltiplas condições de *affordances*. Nas palavras de Günther (2011), este termo refere-se aos “múltiplos estímulos oferecidos pelo ambiente ao organismo que com ele interage”, e exatamente esta relação de complementaridade pode ser constatada. Uma das expectativas do Grupo do Workshop de Bioacústica era *Encontrar uma infraestrutura propícia para a realização do curso*, e isso incluía um local em que pudessem ter conforto e também a possibilidade de fazer as gravações das vocalizações, e isso foi proporcionado pelo local e confirmado pelos depoimentos finais. Ao mesmo tempo, quando eram as escolas que visitavam o local, o ambiente impactava o comportamento dos participantes de outra forma, bem como era impactado em outras esferas também. Para as escolas de São Francisco de Paula era uma oportunidade de ter contato com equipamentos não comuns em suas rotinas, como microscópios e lupas, e para os alunos vindos de Porto Alegre, uma oportunidade de realizar trilhas, uma atividade distante das possíveis em uma Capital.

A natureza enquanto lugar de autenticidade, do bom e do belo é o horizonte imaginativo que acompanha a trajetória de vida dos participantes, já que não foi exposta uma narrativa pré experiência que induzisse a estas reflexões. Elas surgiram pela percepção das experiências dos seres no-mundo.

Contra uma ética tradicional brutalmente antropocêntrica, a estética põe-se como uma ferramenta de união para uma nova ética agregadora. Segundo Hermann (2005, p. 11),

¹⁵ O termo *espiritualidades do self* refere-se a ideia de uma espiritualidade centrada na experiência pessoal dos indivíduos e na imanência de um Deus que se manifesta na forma de energias e forças naturais. Contrasta com noção de uma espiritualidade centrada na transcendência de um Deus fora do mundo (CARVALHO & STEIL, 2013).

“ao tratar da pluralidade na ética, a estética se interpôs pela sua possibilidade de transcender as fronteiras racionais, criando formas de sensibilidade e experiências de subjetividade que exigem novos modos de tratamento ético”.

Conclusão

Cabe chamar a atenção para o fato de que as ideias aqui apresentadas, a título de conclusão, não devem ser tomadas normativa e pragmaticamente como a completa elucidação das problemáticas ambientais postuladas nas hipóteses do trabalho. Entretanto, a compreensão da experiência das vivências com a natureza baseadas em um pensamento fenomenológico-estético contribui para superar alguns obstáculos enfrentados no campo da educação ambiental na direção de pensar as relações com a natureza de uma forma menos dicotômica.

No início deste trabalho postulamos a hipótese se experiência do Pró-Mata estaria predominantemente relacionada a estética ou a racionalidade científica-pedagógicas ali desenvolvidas. Ao final desta pesquisa concluímos que apesar da educação científica estar presente de forma intensa nas atividades do CPCN Pró-Mata e nos objetivos dos grupos que o frequentam isso não foi excludente da experiência estética vivida no local pelos participantes mesmo com o fato de que em nenhum momento das atividades acompanhadas isso tenha sido proposto ou conduzido de maneira direta. A questão da estética apareceu mesmo quando o contrato pedagógico não a previa. Nestes casos, observamos que a experiência estética não “concorreu” com a racionalidade pedagógica, pelo contrário, agregou novos significados às experiências vividas.

De um modo geral, observamos a disposição dos visitantes nos diversos grupos pesquisados para voltar ao Pró-Mata, bem como adotar disposições atitudinais pró-ambientais. O retorno dos participantes ao local não possuía apenas caráter científico, mas também a oportunidade de contemplar a natureza e estar mais próximo a ela.

A partir da análise das percepções dos visitantes podemos concluir sobre a natureza ético-estética das vivências no Pró-Mata e como elas podem ser utilizadas de forma a contribuir para um processo de sensibilização frente às questões ambientais.

Referências

- ABRAM, David. Merleau-Ponty and the voice of the Earth. In: ABRAM, D. (Org.). **Minding nature: The philosophers of ecology**. London: The Guildford Press, 1996. p. 82-101.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- CALLICOTT, J. Baird. The wilderness idea revisited: The Sustainable Development Alternative. **The Environmental Professional**. 13. p. 235-247, 1991.
- CAMAROFF, Jean; CAMAROFF, John. Naturalizando a nação: estrangeiros, apocalipse e o Estado pós-colonial. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 57-106, jul. 2001.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Paisagem, historicidade e ambiente: as várias naturezas da natureza. **Confluenze**, Bologna, v. 1, n. 1, p. 136-157, 2009.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. Natureza e Imaginação: o Deus da Ecologia no Horizonte Moral do Ambientalismo. **Ambiente e Sociedade**, São Paulo, v. XVI, n. 4, p. 103-120, out-dez., 2013.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. O Habitus Ecológico e a Educação da Percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental. **Educação e Realidade**, 34(3): p. 81-94, set-dez, 2009.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. Percepção e Ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica. **VI CEPEASUL**. FURG, 2012.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura, TONIOL, Rodrigo. Ambientalização, cultura e educação: diálogos, traduções e inteligibilidades possíveis desde um estudo antropológico da educação ambiental. Itajaí: **CEPEASUL**, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. **Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: NUPAUB- Universidade de São Paulo, 1994. 163 p.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução Flávio Paulo Meurer. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 686 p.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução Paulo Menezes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. P. 142
- HERMANN, Nadja. Breve investigação genealógica sobre o outro. **Revista Educação e Sociedade**, 2011 v. 32, n. 114, p. 137-149. P. 40.
- HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010, 176 p.

HERMANN, Nadja. Breve investigação genealógica sobre o outro. **Revista Educação e Sociedade**, 2011 v. 32, n. 114, p. 137-149. P. 142

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 119 p.

LEITE LOPES, José Sérgio. Participação Pública e controle da poluição: a ambientalização dos conflitos sociais. **Revista de Ciências Sociais**, Ceará, v. 35, n.1, p. 20-30, 2004.

LEITE LOPES, José Sérgio. Sobre processos de ambientalização dos conflitos e sobre dilemas da participação. **Horizontes Antropológicos**, v.12, p. 31-64, 2006.

MARIN, Andréia Aparecida. A percepção no logos do mundo estético: contribuições do pensamento de Merleau-Ponty aos estudos de percepção e educação ambiental. **Pesq. Educ. Ambient.** vol.3, n.1, p. 203-222, 2009.

MARIN, Andréia Aparecida. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Interações**, n. 11, p. 48-66, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SCHILLER, Friedrich. **Cartas sobre a Educação Estética da Humanidade**. Tradução Anatol Rosenfeld. São Paulo: Herder, 1963. 134 p.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Diferentes aportes no âmbito da antropologia fenomenológica. In: STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (Org.). **Cultura, Percepção e Ambiente: Diálogos com Tim Ingold**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. p. 31-47.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; PASTORI, Erica Onzi. Educação Ambiental no Rincão Gaia: pelas trilhas da saúde e da religiosidade numa paisagem ecológica. **Revista Educação**. Porto Alegre: PUCRS, v.33, p. 54-64, 2010.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 537 p.

TONIOL, Rodrigo. **No rastro das caminhadas: Etnografia de uma política de turismo rural no Vale do Ivaí, Paraná**. 2012. 67 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Antropologia, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.